
Jorge Amado na África: literatura, imprensa e colonialismo

Jorge Amado in Africa: literature, press and colonialism

Edvaldo Aparecido Bergamo

Realizou Pós-Doutorado (CAPES) na Universidade de Lisboa (FLUL/CeSA). Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. É professor de Literatura Portuguesa e de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB).

edvaldobergamo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7390-7653>

Recebido em: 30/01/2020

Aceito para publicação em: 26/02/2020

Resumen

O artigo apresenta alguma discussão acerca da recepção da obra de Jorge Amado na África lusófona, na primeira metade do século XX, num contexto histórico de apertada perseguição fascista e colonialista, uma vez que estava no horizonte o movimento político da descolonização europeia do continente. Trata-se, notadamente, de um acolhimento poético interessado em repercutir uma produção literária que sublinhava de modo particular a luta de libertação do homem negro espoliado.

Palavras-chave: Jorge Amado. África. Literatura antifascista. Descolonização. Representação do negro.

Abstract

The article presents some discussion about the reception of Jorge Amado's work in Portuguese-speaking Africa, in the first half of the 20th century, in a historical context of tight fascist and colonialist persecution, since the political movement of European decolonization of the continent was in perspective. It is, notably, a poetic welcome interested in echoing a literary production that particularly emphasized the struggle for the liberation of the plundered black man.

Keywords: *Marx. Scientific Socialism. Art. Alienation.*

“Os patriotas africanos escravizados mas lutando contra a escravidão foram os fatores fundamentais da queda do fascismo português.” Jorge Amado

1. O romance brasileiro de 30 na república mundial das letras

O romance social brasileiro de 30 caracteriza-se pela ênfase no projeto ideológico, considerando a conjuntura histórica do tempo, estreitamento autoritário e demandas sociais urgentes, com foco na revalorização do realismo e no aprofundamento da questão política. Os estudiosos das relações literatura e autoritarismo, assunto do qual tratamos, afirmam que

[...] o autoritarismo consiste em uma caracterização de um regime político em que existe um controle da sociedade por parte do Estado, que manipula as formas de participação política e restringe a possibilidade de mobilização social; existe interesse político na cooptação dos intelectuais; a administração pública é apresentada como um bem em si mesmo, ao servir ao interesse do Estado; o setor militar desempenha um papel decisivo na manutenção da ordem. Nas formas extremas, como o totalitarismo, o regime autoritário institui um partido único e reprime com rigor manifestações de contrariedade.

(...)

O fato de o Estado agir de maneira a controlar as ações individuais, restringir as possibilidades de mudança social, sustentar códigos e valores com os quais a população é obrigada a pautar sua existência, e manipular a difusão de ideologias em favor da conservação do poder das elites, estabelece uma condição restritiva de existência. O problema da reificação, desenvolvida dentro do capitalismo industrial, é levado a dimensões novas, agravadas pela ameaça de destruição coletiva. (GINZBURG & UMBACH, 2000, p. 238).

O romance social brasileiro de 1930 obteve incomum repercussão nos círculos nacionalistas das colônias africanas lusófonas, notadamente em determinado prelo de orientação esquerdista/socialista do período, que fazia oposição a um regime político de configuração fascista e colonialista. Trata-se de campos intelectuais convergentes que reconheciam correlações no enquadramento dos dilemas enfrentados. A obra de Jorge Amado, especificamente, foi objeto de referência estética e ideológica no periodismo de extração nacionalista das colônias africanas, veículos nos quais a perseguição da censura salazarista pode ser observada em diferentes escalas. Nosso objetivo neste trabalho é apresentar um estudo sobre a avaliação crítica da produção literária do romancista baiano na imprensa periódica nacionalista de certas colônias africanas lusófonas, vulneráveis ao crivo da admoestação ditatorial por motivos ligados ao movimento histórico de autonomia africana do pós-guerra. Assim, composições poéticas, estampadas em diferentes periódicos, oferecem uma leitura receptiva cerrada da figuração do imaginário amadiano, reconhecível em obras que dão a ver os impactos do subdesenvolvimento econômico, da

modernização incompleta e dos conflitos sociais acirrados, aspectos contraditórios da formação histórica e cultural do Brasil, cujas incongruências principais atinentes à classe e à raça são faces da mesma problemática: a opressão exacerbada do trabalhador do campo e da cidade proporcionada por um sistema de superexploração caracterizado como capitalismo monopolista de ranço colonial.

De acordo com João Luís Lafetá (2000), grande parte da produção ficcional produzida, a partir da década de 1930, caracteriza-se pelo arrefecimento dos experimentalismos de vanguarda, por força da urgência histórico-social que pedia, até mesmo no plano artístico, uma ação política efetiva. Em razão da necessidade de eficácia comunicativa junto ao público, o romance, numa retomada de sua vocação realista primordial, sob as novas bases ideológicas, aposta majoritariamente em um conteúdo sintonizado com os impasses sociais e transfigurado em formas estéticas validadas. Tal realismo reformulado, em atendimento ao movimento da História, que combatia o modelo econômico capitalista e burguês, expandiu-se por diversas partes do Globo, encontrando ressonância, inclusive, nas literaturas dos países africanos de língua oficial portuguesa.

O campo intelectual de esquerda da primeira metade do século XX aproximou brasileiros e africanos, no tocante a uma arte de intervenção política que propunha abertamente a tensa articulação entre a forma literária e a realidade histórica. A narrativa de ênfase social, espelhando uma consciência aguda do subdesenvolvimento, passa a retratar a exploração do trabalho assalariado do campo e da cidade, a luta pela posse da terra em face do domínio do latifúndio e a presença relevante de novos atores sociais no espaço público, como o trabalhador, a mulher, a criança, o negro. A obra comprometida do citado autor brasileiro apresenta os entraves de um projeto modernizador inconcluso no Terceiro Mundo, destacando a opressão sofrida pelo trabalhador do campo, a condição marginalizada do lumpen-proletariado da cidade e o problema do negro numa sociedade racista e excludente. O foco principal está na figuração romanesca do assalariado rural sem direito à terra e à dignidade, na espoliação do operário em condições degradantes de moradia, trabalho e alimentação, denunciando, assim, os avanços de um modelo econômico internacional que atendia aos interesses de potências hegemônicas e piorava as condições de vida em países periféricos.

2. O romance de Jorge Amado: presença na África lusófona

Na África, a imprensa tornou-se a mola mestra na formação dos primeiros redutos intelectuais capazes de criar uma atmosfera propensa a romper o silêncio, a denunciar a perseguição, a apontar o acossamento, em vista da ação coercitiva da máquina colonial repressora. Desse modo, o jornalismo estabelece, desde o final do século XIX, com alargamento de sua atuação contestatória em meados do século XX, um papel importante no cenário da vida cultural do continente. Destarte, as literaturas africanas encontram nos

jornais de oposição ou clandestinos do período colonial espaço profícuo de divulgação ficcional e poética, em geral subversiva e de resistência às imposições e aos desmandos de um sistema colonialista que ignorava os saberes ancestrais, as manifestações culturais autônomas, as formas autênticas de expressão dos povos subjugados por séculos.

Assim como aconteceu no Brasil, em outro momento histórico e cultural, no século XIX dos românticos americanos e europeus, na África, a partir da década de 1950, as literaturas de fundação em língua portuguesa do continente adquiriram características nativistas e empenhadas, por estarem em estreita conexão estética e ideológica com o projeto de construção e afirmação de uma identidade local específica, expressando valores autóctones que condenavam e rejeitavam o programa colonialista lusitano e destacavam as potencialidades de uma nacionalidade em formação e em ascensão.

Nos PALOPs (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), a figura literária de Jorge Amado é reconhecidamente relevante pela mediação cultural e política exercida, quando está no horizonte histórico-literário o significado da literatura de ênfase social no século XX, encampada pelo romancista baiano, no decênio de 1930, no Brasil. Na África, desde o decênio de 1950, autores relevantes dos sistemas literários em causa afirmam que o leram e aludem constantemente ao papel seminal da ficção do autor baiano na consolidação das literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, ressaltando a presença subterrânea da obra de Jorge Amado em contexto colonialista caracterizado por acirrado controle social, político, sexual e cultural.

Jorge Amado foi celebrado na África, especialmente em Cabo Verde, Angola e Moçambique, nas décadas finais do colonialismo lusófono, pois tais territórios se beneficiavam da excepcionalidade de poder adquirir “diretamente” do Brasil as obras “proibidas” de autores que só clandestinamente entravam em Portugal, especialmente em Angola via Grupo da revista *Sul*, de Santa Catarina, por exemplo. Quando começaram a ser publicados com alguma regularidade, em Portugal, diversos livros de Jorge Amado, nos territórios africanos que estavam sob o tacão colonialista lusófono, já se lia com grande impacto social, político, cultural e racial o romance *Jubiabá* (1935): uma conhecida obra pertencente ao denominado ciclo dos “romances da Bahia”, na qual o protagonismo negro aparece em destaque. Dão notícia da presença efetiva amadiana no continente negro os seguintes periódicos africanos: em Cabo Verde, *Claridade* (1936), em Angola, *Mensagem* (1951), e em Moçambique, *O brado africano*, por intermédio especialmente de produções literárias que homenageiam e reverenciam o autor baiano.

Em Cabo-Verde, surge, em 1936, *Claridade*, uma revista literária e cultural voltada para a identificação e valorização dos aspectos autóctones das ilhas crioulas. Está no centro de um movimento de emancipação cultural, social e política da sociedade cabo-verdiana. Surge nas pegadas deixadas pelos neorrealistas portugueses e modernistas brasileiros, assumindo no arquipélago a causa do povo crioulo na sua luta pela afirmação de uma identidade cultural autônoma, baseada na criação da “cabo-verdianidade” e na

análise das preocupantes condições socioeconômicas e políticas de populações insulares. Preocuparam-se com a precária situação vivenciada pelos mais humildes, manifestada pelo sofrimento, miséria, fome e morte de milhares de cabo-verdianos ao longo dos anos de estiagem e de carestia. Os fundadores da aludida revista "fincaram os pés na terra," de acordo com o seu célebre conteúdo temático, para a execução do seu plano de trabalho de caráter pioneiro, enfocando o mar como prisão e libertação, a emigração como problema e o evasismo como metáfora forte dessa geração. No entanto, teriam de proceder de um modo muito discreto, devido ao regime de censura colonial existente, sob a vigilância constante e aterrorizada da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), temida pelos seus métodos de tortura e martírio, especialmente aplicados aos presos políticos, nacionalistas e independentistas africanos no sinistro presídio do Tarrafal, espécie de campo de concentração luso-tropical na localidade de Chão Bom (toponímia historicamente irônica), na Ilha de Santiago, em Cabo Verde. O "Poema a Jorge Amado", de Osvaldo Alcântara/Baltasar Lopes (1907-1989) é um exemplar contundente de tal atmosfera estético-ideológica, pela referência ao imaginário amadiano como mediação cultural afro-brasileira:

A Jorge Amado esta voz do irmão desconhecido:
Para que no seu território haja o abraço de outra latitude...
Para que Zúmbi dos Palmares ilumine também
os meninos da ponta-de-praia, os roceadores de carvão e as velas de faluchos.
e a Princesa de Aioká leve os meus marinheiros
para o seu palácio do fundo do mar...
Para que o moleque Balduíno pegue novamente as goiabas-de-vez
no quintal do Comendador...
Para que os meus contrabandistas atravessem o canal na companhia de Guma
e Livia espere os meus marinheiros no cais
quando anoitece subitamente no mar. (LOPES, 1986, p. 84).

Em Angola, por sua vez, desde as décadas de 1940/50, leitores pertinazes conheciam as obras mais eloquentes de Jorge Amado, num primeiro contato com a sociedade mestiça brasileira, com a qual de algum modo identificavam a organização social colonial angolana; a outros, intelectuais notadamente, a inspiração estava numa especificidade literária que exprimia os contornos de uma prenunciada identidade nacional, estabelecendo-se como o paradigma de uma futura literatura angolana, insurgente e libertária. É assim que a maioria dos jovens escritores, que seria representada pela chamada "Geração da *Mensagem*", vai encontrar alento no cenário poético e ficcional do Brasil, de maneira especial no que se articula a certo regionalismo nordestino de 30 como um padrão da sociedade híbrida brasileira, em que o negro também é protagonista da História pátria. A temática dos escritores da *Mensagem* (1951-1952) gira em torno de tópicos que vão caracterizar a poética específica da mencionada publicação: a valorização do homem negro africano e da sua cultura, a sua capacidade de autodeterminação, a nação

africana que se antevê como estado com existência própria. Desse cenário conturbado, emerge uma consciência social emancipadora que impulsiona um grupo de nacionalistas, em que se inseriam poetas como Viriato da Cruz, Mário António e António Jacinto. A correlação obra de Jorge Amado (e também de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira) e seu ideal de brasilidade é entendida como expressão estética e ideológica de inovadores modelos literários ou de novas invocações político-culturais que literatos nacionalistas africanos receberam como experiência determinante que provinha de mais significativo do outro lado do Atlântico, dada a contingência comunitária da língua comum. A veiculação de *Mensagem* foi curta, mas abriu espaço para que estimulantes iniciativas de cunho programático fossem criadas na colônia em processo de insurgência e agitação. A incontornável publicação periódica em questão surge no intuito de encontrar uma estratégia artística autêntica capaz de alavancar um projeto instigante que vislumbrava e empenhava-se na luta pela constituição e demonstração de uma identidade nacional, nas bases da autonomia africana pretendida no contexto do pós-guerra. A breve revista *Mensagem* logo foi proibida pelo governo ditatorial que, dentro da mentalidade e linha fascista vigente na época, aniquilava qualquer forma autônoma de manifestação anti-colonial. Entretanto, é representativo dessa inicial abertura de caminhos, propiciada pelo imaginário amadiano, o “Poema da farra”, de Mário António (1934–1989), depois musicado por Fausto Bordalo Dias e cantado por Ruy Mingas:

Quando li Jubiabá
me cri Antônio Balduino
Meu primo, que nunca o leu,
Ficou Zeca Camarão
Eh, Zeca!
Vamos os dois numa chunga
vamos farrar toda a noite
vamos levar duas moças
Para a praia da Rotunda!
Zeca me ensina o caminho:
Sou Antônio Balduino. (ANTÓNIO, 1962, p. 21).

Por fim, em Moçambique, um periódico como *O brado africano* agrupou poetas e escritores por afinidades e semelhanças nas linhas ideológicas e estéticas que contribuíssem para definir uma poesia vinculada ao território moçambicano. Tal publicação acentuou, perante o povo moçambicano, o real problema da colonização e as respectivas consequências específicas para o país. Era necessário levar adiante a tarefa – árdua e bastante dificultada pelo persecutório sistema colonial da época – de figurar e transfigurar a terra de Moçambique, os homens moçambicanos, com o intuito de denunciar os entraves, delinear soluções e preparar um novo caminho de liberdade para que se pudesse começar a traçar o futuro daquela nação na costa do Índico. Os incipientes meios de comunicação foram não só propagadores de cultura viva que se manifestavam

altissonantes, como também meios de difusão pioneiros na batalha da dignificação de uma cultura nacional e no estímulo constante e crescente dado aos jovens artistas, por isso devem ser considerados suportes decisivos para um movimento cultural autóctone relevante na colônia e depois província ultramarina de Moçambique. Conseguiram resistir, durante anos, a todo o tipo de provações, perseguições e tentativas de descrédito levadas a cabo pelo Império Colonial, na persistente e anunciada tarefa de conscientizar o país e abrir passagem para que a moçambicanidade se cumprisse. Nesse sentido, vejamos o “Poema a Jorge Amado” de Noémia de Sousa (1926–2002) que segue nessa direção, igualmente recorrendo a um fortíssimo imaginário amadiano de raiz afro-brasileiro:

O cais...
O cais é um cais como muitos cais do mundo...
As estrelas também são iguais
às que se acendem nas noites baianas
de mistério e macumba...
(Que importa, afinal, que as gentes sejam moçambicanas
ou brasileiras, brancas ou negras?)
Jorge Amado, vem!
Aqui nesta povoação africana
o povo é o mesmo também
é irmão do povo marinho da baía,
companheiro Jorge Amado,
amigo do povo, da justiça e da liberdade! (SOUSA, 2016, p. 125).

Verificamos, assim, a título de amostragem, com os fragmentos poemáticos transcritos, que a imprensa escrita anticolonialista na África lusófona apresenta um papel considerável na preparação e na consolidação de um projeto político-cultural autóctone e libertador. Os periódicos de oposição surgidos na primeira metade do século XX caracterizam-se por um jornalismo combativo que gradativamente condena com veemência os princípios autoritários fascistas e as práticas truculentas da administração portuguesa de formato colonial-imperialista, atingindo, enfim, o ideário nacionalista que prolifera a partir dos anos 1950 e 1960 e conquista as independências nos anos 1970, tendo como inspiração estética e ideológica a literatura empenhada de Jorge Amado, na qual o protagonismo negro é acalentado como princípio esperança de um outro mundo, mais humano e não racista.

3. O romance de Jorge Amado e a ressonância africana

Na obra de Jorge Amado, há uma identificação dos aspectos nefastos de nossa modernidade periférica presentes ostensivamente em todos os romances: a exploração arcaica do trabalhador do campo e da cidade, a presença implacável do latifúndio que impede a ocupação racional e justa do solo, as dificuldades de plena inserção de novos

atores sociais no espaço público democrático, como a mulher e o negro. O comprometimento intelectual de Jorge Amado apresenta os entraves de um projeto modernizador inconcluso no Terceiro Mundo, destacando o alto preço de uma modernização atrelada ao capitalismo internacional que aprofunda as desigualdades sociais, subalternizando importantes grupos sociais que encontram na identidade cultural e também religiosa uma das únicas formas de resistência ao processo de homogeneização dos novos modos de vida e trabalho. Estamos diante dos impasses da vida brasileira que são representados na obra de Jorge Amado desde os anos de 1930 e permanecem atualíssimos como problemas não superados e desafiadores de uma nacionalidade integradora.

A presença de uma plena consciência, desde o início da carreira, de que o Brasil é uma nação multicultural, caracterizada por uma formação histórica resultante de uma experiência colonial usurpadora, como saldo negativo, mas que, ao mesmo tempo, possibilitou a interação compulsória, agora com saldo positivo, de três grupos étnicos num mesmo território, europeus, africanos e indígenas, é decisiva como projeto literário em Amado. Trata-se de uma obra que celebra esta multiplicidade como um valor, mas não fecha os olhos para as diversas formas de preconceito, de raça e de religião principalmente, responsáveis, em grande parte, pela permanência de disparidades sociais evidentes na configuração social brasileira, visto que, no Brasil, raça e classe são, em certo sentido, questões sociais equivalentes. De todo modo, vale dizer que o empenho do intelectual comprometido em denunciar e problematizar estigmas e distorções é fundamental para a transposição dos obstáculos históricos observados.

A obra de Jorge Amado, em síntese, prima por um projeto estético singular, observável em diversas instâncias: na elaboração de uma linguagem literária que valoriza o registro da oralidade e as fontes da cultura popular como bens inalienáveis para a renovação do gênero romanesco; na demonstração de conhecimento das mais sofisticadas técnicas narratológicas da ficção moderna, utilizadas parcimoniosamente com vistas à formação e ampliação do público leitor num país de muitos analfabetos sem acesso à leitura literária; na revitalização de formas narrativas herdadas do passado sempre com a intenção de garantir a comunicação com o público, na democratização da cultura letrada, sem negligenciar as outras manifestações culturais, pelo contrário, incorporando-as; e, finalmente, no alento humanista que emana de uma produção, notadamente romanesca, cuja concepção literária está voltada para a dignificação de humilhados e ofendidos e para a construção de uma imagem de Brasil das mais poderosas, visto que tem por meta destacar, ressaltar, sublinhar o protagonismo do pobre, especialmente do negro, para a formação de uma específica, particular e relevante identidade cultural brasileira, conhecida em todo o mundo como definidora de nossa originalidade como povo e nação, caracterizados pela diversidade cultural.

Tais características específicas da obra de Jorge Amado serviram de estímulo inspirador a autores estrangeiros que produziram obras expressivas das literaturas africanas em língua portuguesa, notadamente ao longo da segunda metade do século XX. E foi assim que, por intermédio das obras de Jorge Amado e de importantes modernistas brasileiros, chegaram ao continente africano os motivos temáticos e formais que inauguraram uma moderna literatura empenhada em Angola, Cabo Verde e Moçambique: três territórios com conformações culturais diversas, sob um mesmo domínio colonial com estratégias opressoras e repressoras semelhantes do aparelho imperial lusitano. Recentes sistemas literários que, especialmente no intento de uma arte de resistência estética e ideológica, concentraram e configuram sugestivamente a condenação dos constrangimentos, das sujeições, dos condicionamentos, das incongruências sociais dominantes do tempo pré-colonial, colonial e pós-colonial, em favor de um projeto político nacional-popular emancipador e humanizador, especialmente no tocante à figuração multifacetada do negro africano do passado e do presente no tempo hoje da África contemporânea. Nesse intuito, vejamos os depoimentos pessoais impactantes de dois escritores significativos da África na atualidade, um angolano e outro moçambicano, relativamente ao valor e à relevância da obra sem fronteiras de Jorge Amado na África Lusófona:

Desde muito novo (...) me relacionei com Jorge (...). Não sei se ficaram influências literárias desse encontro de primeira juventude. Mas certamente ficaram influências sociais e políticas. As terras e as situações que os seus livros retratavam eram muito semelhantes à da costa da Angola colonial, particularmente de Benguela, no mesmo paralelo de Salvador da Bahia (PEPETELA, 2010, p. 57).

Nós vivíamos sob um regime de ditadura colonial. As obras de Jorge Amado eram objeto de interdição. Livrarias foram fechadas e editores foram perseguidos por divulgarem essas obras. O encontro com o nosso irmão brasileiro surgia, pois, com o épico sabor da afronta e da clandestinidade. A circunstância de partilharmos os mesmos subterrâneos da liberdade também contribuiu para a mística da escrita e do escritor (COUTO, 2011, p. 62 e 65).

Em vista de tais considerações, podemos afirmar finalmente que o projeto literário de Jorge Amado foi apreendido como um horizonte estético e ideológico que indicava rumos alvissareiros em direção aos caminhos da emancipação humana em terras brasileiras e africanas, territórios sob o tácio fascista-estadonovista e/ou fascista-colonialista, situações semelhantes dos mesmos subterrâneos da liberdade compartilhados. Passadas tantas décadas, tal obra continua a ser admirada e reconhecida por seus apreciadores, aquém e além-mar, porque o anseio de autodeterminação humana e social ultrapassa tempo e espaço específicos e continua a fazer todo o sentido como ideário iluminista absoluto e universal, especialmente em época tão sombria como a nossa: sinal fechado/sinal aberto para a criação artística em tempos hostis.

Referências

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTÓNIO, Mário. *Chigufo*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1962.

COUTO, Mia. Sonhar em casa: intervenção sobre Jorge Amado. In: *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 61–67.

LAFETÁ, João Luís. *1930: a crítica e o modernismo*. 2 ed, São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.

GINZBURG, Jaime; UMBACH, Rosani Ketzer. Literatura e Autoritarismo. In: COSSON, Rildo (org.). *2000 Palavras: as vozes das letras*. Pelotas/RS: PPG–Letras, UFPEL, 2000, p. 237–242.

LOPES, Baltasar. Poema a Jorge Amado. In: AAVV. *Claridade*: revista de arte e letras. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1986. p. 84–85.

PEPETELA. Do outro lado do mar. In: AMADO, Jorge. *As mortes e o triunfo de Rosalina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. São Paulo: Kapulana, 2016.